

O PARADIGMA DA DÁDIVA E A PRÁTICA MÉDICA

Brasilmar Ferreira Nunes*

MARTINS, Paulo Henrique. *Contra a desumanização da Medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2003.

A proposta do sociólogo Paulo Henrique Martins ora publicada é decodificar a lógica do discurso médico, tal qual ele se apresenta aos nossos olhos nos tempos atuais. Não se trata aqui de inseri-lo na lógica econômica da medicina, envolta numa incessante busca de ganhos monetários. Esse é o pano de fundo da prática médica, que envolve, entre outros, laboratórios farmacêuticos, companhias de seguro, clínicas, hospitais, tudo isso sob os olhos do Estado que, dependendo do contexto sócio-político, vai, numa ou noutra direção, em sua tentativa de moldar o setor às expectativas sociais. Esta lógica está subjacente no texto. Ela é o pano de fundo, a partir do qual se constroem vínculos entre médico e paciente que se moldam segundo razões à dominante utilitárias. É partindo da natureza desses vínculos, e das implicações que deles decorrem, que o texto procura entender e explicar as mudanças atuais na medicina.

O trabalho é um projeto ambicioso, porém necessário. Quem de nós não teve, direta ou indiretamente, experiências com a medicina e os médicos que nos colocaram questões sem respostas? A inexorabilidade da morte e o tabu do desconhecido que a envolve, a procura de se manter vivo como uma obsessão permanente sem nunca nos colocarmos o próprio sentido da vida, nos faz procurar a

* Professor titular do Departamento de Sociologia da UnB; pesquisador do CNPq.

Esta resenha foi publicada também na Revista do Livro Universitário, n. 15, ago. 2003.

medicina nos momentos da doença do corpo e da mente. Tudo isso, envolto na cultura do “corpo perfeito” que nos obriga a um permanente cuidado com suas alterações, visíveis e invisíveis, que o tempo, inexoravelmente, se encarrega de nos contemplar. Talvez porque as causas das doenças sejam muito complexas, e ninguém tenha provado até o momento que seja necessário adoecer, enigma que termina por dar aos profissionais da saúde (ou será das “doenças”?) um poder quase absoluto sobre nosso corpo. O fato é que a “saúde perfeita” é um ideal apontado como possível nos inúmeros textos de auto-ajuda que proliferam nas livrarias neste começo de milênio. Esse ideal, que se nos apresenta quase como um nirvana, nos seduz numa procura obsessiva para “não adoecer”, consolidando uma cultura do narcisismo, apanágio da civilização atual.

O texto é sociológico. Isso significa que há uma procura insistente em calcar as reflexões em paradigmas deste campo científico, vindo justamente daí a originalidade no tratamento de um tema como este. O autor vai procurar escapar das duas grandes correntes do pensamento social que colocam de forma aparentemente contraditória as oposições entre individualismo e holismo na explicação dos fatos e das ações sociais, ambas repousando sobre um utilitarismo visceral, segundo o qual toda e qualquer ação social estaria calcada numa trama de interesses segundo a qual os vínculos que se estabelecem na sociedade e no cotidiano das pessoas esgotam-se numa relação impessoal de “oferta e procura” reguladas pelo dinheiro, numa troca de equivalentes. Aliás, nas palavras do autor, essa é a armadilha em que a prática médica e a medicina, no seu conjunto, caíram, envolvendo-as uma crise de legitimidade aos olhos dos seus usuários, os doentes reais ou imaginários.

Seria interessante recuperar uma passagem de Michel Foucault na *Ordem do Discurso*. Diz ele, se referindo à organização das disciplinas, dentre as quais a medicina: “...uma disciplina se define por um domínio de objetos, num conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos” (p. 30). A prática médica se exercita dentro destes parâmetros, detendo, a partir daí, um discurso

“verdadeiro” – porque científico – sobre as doenças e suas causas, o que significa que ela, no interior de seus limites, reconhece proposições verdadeiras e falsas sobre os males do corpo e da mente humanos. Sem dúvida vem daí o enorme poder detido pelos profissionais desta disciplina médica nas suas relações com seus pacientes.

O fato é que a prática médica, manifestando-se no interior de um campo científico, ela tem que se dirigir a um plano de objetos; daí o corpo humano e as suas disfunções vistas como doenças. Paulo H. Martins vai procurar as causas da proliferação, neste começo de milênio, de novas formas de se praticar o ato de cura, formas que se colocam como alternativas àquelas reconhecidas como verdadeiras pelo discurso médico. É, portanto, nas transformações atuais dos processos de cura que serão procuradas as causas para a compreensão das transformações da medicina. Partindo de um prisma sociológico no qual o objeto é sempre o vínculo social, o que o autor vai nos demonstrar é que a relação médico-paciente é uma relação social onde outras dimensões entram em ação, ou *na* ação, na qual o pagamento em dinheiro é apenas uma delas. Longe de um vínculo impessoal, passam-se na relação saberes da ciência, afetos, medos, anseios, expectativas que transformam a relação num fato social total. Em outras palavras, “antes de ser um conjunto de técnicas, a medicina aparece como um jogo de crenças e rituais coletivos, criados por cada sociedade para resolver o dilema fundamental da existência humana: o da vida/morte” (p. 78).

A originalidade do trabalho está que, para a construção de seus argumentos, Martins vai partir do *paradigma da dádiva*, paradigma este que tem em Marcel Mauss, cientista social francês, o seu sistematizador. Tomando seu célebre texto *Ensaio sobre a dádiva*, de 1924, Mauss vai propor que a sociedade se constitui a partir de uma regra social primeira, a obrigação de dar-receber-retribuir e que estaria nessa tríade a constituição mesma daquilo que se entende por sociedade. Buscando em intelectuais contemporâneos, especialmente os do grupo francês *MAUSS – Mouvement Anti-utilitariste en Sciences Sociales* –, Martins vai enxergar a sociedade como um fenômeno que se faz primeiramente pela circulação de

dons que são símbolos básicos na constituição dos vínculos sociais. A partir deste pressuposto todas as relações humanas, mesmo quando a moeda está presente, guardariam elementos simbólicos que permitem a circulação de laços de forma permanente. Nas palavras de Alain Caillé um dos intelectuais maussianos mais atuantes nos dias atuais, “...não poderia existir nenhuma sociedade humana apenas na base do contrato e do utilitário, pelo contrário, a solidariedade indispensável a toda ordem social só pode emergir da subordinação dos interesses materiais a uma regra simbólica que os transcenda” (Caillé, 2000, p. 41 – trad. nossa).

A tarefa é de uma complexidade ímpar. Sim, porque estamos envoltos numa névoa de fetichização de relações sociais que nos faz crer que todas elas se estruturariam a partir de um contrato formal que se esgota na dupla obrigação de dar e receber, regulado pela equivalência. Demonstrar que, mesmo nas sociedades onde o mercado predomina e é hegemônico, muito do social se calca em mecanismos simbólicos, onde a permanência e a continuidade do vínculo pressupõe a circularidade, exige um esforço intelectual que ultrapassa a aplicação mecânica da lógica maussiana. Nada mais oportuno para testá-la do que a relação médico-paciente. Nesta, fica mais clara a convivência simultânea de duas lógicas de socialidades: a *primária* onde o que é importante são as relações entre as pessoas e não o papel funcional que elas desempenham (família, parentesco, alianças, amigos, camaradagem, etc.) e a *secundária* onde o que importa é a funcionalidade dos atores mais do que suas personalidades (mercado, Estado, ciência). Dimensões cruciais que passam despercebidas no contexto atual onde a *secundária* mostra-se hegemônica. O que Martins vai nos demonstrar é que mesmo assim não se consegue abafar a presença ou a necessidade das relações primárias, ao risco de vermos aparecer formas alternativas de cura que terminam por cumprir o papel da medicina naquilo a que ela se propõe: oferecer um mínimo de alento nos momentos de dor, de doença, ou quando a morte se mostra próxima.

O texto se constrói através de uma lenta e detalhada montagem da cultura médica, como prática social, mostrando seus impasses a partir da sua mercantilização extrema. A partir daí, vai procurar nas chamadas práticas médicas alternativas, que proliferam neste momento no chamado mundo ocidental, e que respondem a anseios dos pacientes em momentos particulares, onde a simples e única relação profissional não dá resposta ao que se procura de fato. A explosão das medicinas alternativas nasce das reações contra os perigos para a sociedade dos efeitos nefastos dessa tentativa, encabeçada pelo utilitarismo científico-mercantil de abafar a natureza social da prática médica para garantir o sucesso do mercado de bens e serviços médicos. Conforme nos fala o autor: “...as disciplinas alternativas constituem um *campo médico* de outra natureza que encontra seu cimento não no controle exercido pela organização disciplinar (faculdade, laboratórios, técnicos, corporações econômicas, associações profissionais, etc.) mas pela valorização de uma formação médica que se assente na experiência vivida de modo espontâneo, livre, obrigado e também interessado pelo futuro terapeuta” (p. 312). Em outras palavras, elas se fundam numa raiz comum que tem o *paradigma da dádiva médica* como núcleo central.

Havíamos frisado que o trabalho era ambicioso. No entanto, a sua ambição se concretiza à medida que desconstrói a prática médica hegemônica e propõe a sua re-humanização, apontando para a importância e necessidade de repensar a relação médico-paciente como uma relação de mão dupla. Gostaria de convidar tanto os cientistas sociais quanto os profissionais das áreas médicas para leitura atenta do livro. Certamente nos situará neste campo tão polêmico que é o da medicina, fazendo-nos rever certezas construídas pelos homens em vida.

Referências bibliográficas

MAUSS, Marcel. Essais sur le don: forme et raison de l'échange dans le sociétés archaïques. *Sociologie et Anthropologie*, Paris, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

CAILLÉ, Alain. *L'Anthropologie du don: le tiers paradigme*. Paris: Desclée Brouwer, 2000.